

Uma amizade antiga

■ Jantar reúne Cardoso e Llosa em São Paulo

CLÁUDIA DE SOUZA E MÔNICA DALLARI

Os velhos amigos Mario Vargas Llosa e Fernando Henrique Cardoso se encontraram domingo à noite num jantar que reuniu cerca de 50 intelectuais na casa do editor da *Companhia das Letras*, Luiz Schwarcz. Amável, falando castelhano, Fernando Henrique recebeu Llosa no saguão de seu apartamento pontualmente às 21h30. Acompanhados de Ruth Cardoso, que usava um elegante vestido azul-marinho com o cumprimento um dedo acima do joelho, e Patrícia Llosa, eles seguiram para a casa de Schwarcz. Llosa e Fernando Henrique se conheceram no final dos anos 80, em Londres, quando foram apresentados pelo então adido cultural da embaixada brasileira José Guilherme Merquior. Nunca mais se viram. Na época, não imaginavam disputar a presidência do Brasil e do Peru.

Llosa teve a edição brasileira de um de seus livros, *Pantaleão e as Visitadoras*, prefaciado pelo presidente eleito. No jantar, que reuniu entre outros os escritores Jorge Amado e

Zélia Gattai, os compositores Caetano Veloso e Gilberto Gil, os empresários Sérgio Motta, Celso Lafer e José Mindlin, o cineasta Arnaldo Jabor, o entrevistador Jô Soares, o senador eleito José Serra (PSDB-SP), e o ministeriável Paulo Renato de Souza — cotado para o Planejamento —, Llosa e Fernando Henrique conversaram sobre a América Latina, entre um gole e outro de uísque. “Tivemos uma conversa ótima, muito agradável”, disse Cardoso.

“Foi um encontro entrosado, onde não se falou de governo”, afirmou Jô Soares. No jantar, foi servido salmão defumado com fundo de alcachofras, risoto de aspargos e *goulash*. De sobremesa, mousse de pistache.

Llosa — Ontem, num almoço com jornalistas, Llosa contou várias histórias de sua longa e movimentada campanha presidencial nas eleições peruanas de 1990. Afirmou que jamais se candidataria de novo e que não pretende voltar ao Peru. Na opinião dele, o longo período de decadência econômica vivido pelos países latino-americanos não prejudicou a qualidade da produção literária do continente. Para ele, foram os períodos de violência que possibilitaram grandes obras como as de Cortázar e García Márquez.

FHC
- 6 DEZ 1994
JORNAL DO BRASIL